



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – ESPANHOL

JUDICELI RENALI DE ANDRADE CUSTÓDIO

**O PERIGO DAS COISAS SUTIS: A PEDOFILIA COMO PROCESSO CULTURAL
E SUA NATURALIZAÇÃO NAS MÍDIAS**

Monteiro/PB

2022

JUDICELI RENALI DE ANDRADE CUSTÓDIO

**O PERIGO DAS COISAS SUTIS: A PEDOFILIA COMO PROCESSO CULTURAL
E SUA NATURALIZAÇÃO NAS MÍDIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo

Monteiro/PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C987p Custodio, Judiceli Renali de Andrade.
O perigo das coisas sutis [manuscrito] : a pedofilia como processo cultural e sua naturalização nas mídias / Judiceli Renali de Andrade Custodio. - 2022.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Processo cultural. 2. Pedofilia . 3. Mídia . I. Título
21. ed. CDD 362.76

JUDICELI RENALI DE ANDRADE CUSTÓDIO

**O PERIGO DAS COISAS SUTIS: A PEDOFILIA COMO PROCESSO CULTURAL
E SUA NATURALIZAÇÃO NAS MÍDIAS**

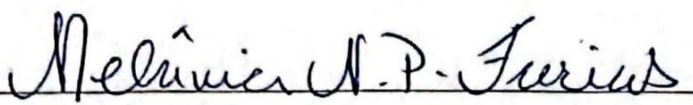
Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado à Coordenação
do Curso de Letras, da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB), como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras Espanhol.

Aprovada em 29 de Julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Melânia Nóbrega Pereira de Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as meninas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ter me presenteado com livros desde os meus três anos, e à minha avó, por ler para mim quando eu ainda não sabia.

Ao meu amigo Júnior Alves, sem o qual eu teria desistido na primeira semana. Obrigada por ter me ensinado a enviar um e-mail no P1. Estou imensamente feliz em poder cumprir a promessa feita naquele dia e colocar seu nome no meu TCC. Peço aos meus demais amigos que não fiquem com ciúmes. Não vou citar nomes, pois felizmente são muitos, mas vocês não fazem ideia do quanto são importantes pra mim. Vocês foram o misto de apoio e diversão que me fizeram seguir adiante de maneira mais leve. Obrigada por compartilhar comigo o lanche, suas casas, as aflições e as descobertas durante esses quase seis anos de curso. Vocês são a parte mais bonita dessa história e eu vou sentir saudades para sempre.

Agradeço ao meu namorado, que desde que entrou na minha vida, não faz outra coisa a não ser apoiar e encorajar todos os meus projetos e planos. Quando a gente tá com a louça suja acumulando há três dias, e os olhos cansados da tela, ter alguém pra formatar o seu trabalho enquanto você lava a louça é o paraíso. Não aceitem menos! Obrigada por isso, e também por ser meu leitor crítico e corretor de erros ortográficos.

Obrigada ao professor Pedro, outro homem bacana em “um raio de três parágrafos”, pra gente não desistir da humanidade. Ele comprovou que minha intuição nunca falha e se mostrou um excelente orientador. Agradeço por ter acolhido o meu projeto e acreditado nele desde o início, e também por cada crítica e elogio que me fizeram evoluir cada vez mais.

E por fim, quero expressar também toda minha gratidão às políticas que criaram e viabilizam as universidades públicas, possibilitando que pessoas como eu possam ocupar também um lugar de privilégio.

RESUMO

Analisando o tema da pedofilia, que por definição é a atração sexual de um adulto por crianças, é comum percebê-lo como algo distante do cotidiano. Por ser designada como transtorno psicopatológico (Organização Mundial da Saúde) acaba tendo sua existência limitada à doença. Indo além desse entendimento, este trabalho objetiva mostrar que essa preferência de adultos por crianças pode ter raízes culturais centradas no patriarcado, tratando-se, assim, de uma espécie de “cultura da pedofilia”. Observar também de que modo a mídia participa, exercendo ou não um efeito normalizador e influenciador, que acarretaria problemas para as mulheres, compreendidas como sendo as principais vítimas dessa cultura. Na análise desta temática, se utiliza aportes teóricos, como Silvia Federici e Pierre Bourdieu, que permitem reconstruir os caminhos que levaram a tal cultura, além da pesquisa documental, que nos possibilita a análise de variados materiais, na tentativa de perceber como esse fenômeno ocorre na prática. Com o resultado das análises feitas ao longo desse trabalho, pôde-se concluir que a existência de uma cultura da pedofilia é real, e que embora nós, enquanto sujeitos, não sejamos passivos diante de tudo, a mídia exerce sim um papel normalizador dessa cultura, justamente por naturalizar, e às vezes romantizar, questões problemáticas, de modo que se torne difícil estranhá-las e questioná-las.

Palavras-chave: Processo cultural. Pedofilia. Mídia.

RESÚMEN

Al pensar el tema de la pedofilia, que por definición: es la atracción sexual de un adulto por niños, es común comprenderla cómo algo distante del cotidiano, por ser designada como trastorno psicopatológico (Organización Mundial de la Salud), acaba teniendo su existencia limitada a esa parafilia. Por eso, yendo un poco más allá de esa definición, este trabajo objetiva mostrar que la preferencia que tienen algunos adultos por los niños, puede tener raíces culturales centradas en el patriarcado. Se tratando así, de una especie de “Cultura de la Pedofilia”. Además de observar de que modo los medios de comunicación interfieren, ejerciendo o no un efecto normalizador e influenciador, que implicaría en problemas para las mujeres, comprendidas como las principales víctimas de esa cultura. En la observación de esa temática, se utilizan aportes teóricos como Silvia Federici y Pierre Bordieu que permiten reconstruir los caminos que llevaron a tal cultura. Además de la pesquisa documental que nos posibilita el análisis de varios documentos en la tentativa de percibir cómo ese fenómeno ocurre en la práctica. Con el resultado de las observaciones hechas a lo largo de ese trabajo, se concluyó que la existencia de una Cultura de la Pedofilia es real, y que mismo que el receptor no sea solamente sujeto pasivo delante de las medias, estas ejercen sí, un papel normalizador en esa cultura, justamente por naturalizar y muchas veces romantizar cuestiones problemáticas, de modo que se torne difícil mirarlas cómo cosas raras.

Palabras-clave: Proceso cultural. Pedofilia. Media.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - CINDERELA E A MADRASTA.....	33
FIGURA 2 – ALICE E A RAINHA DE COPAS.....	33
FIGURA 3 - BRANCA DE NEVE E A RAINHA MÁ.....	33
FIGURA 4 - RAPUNZEL E GOTHEL.....	33
FIGURA 5 – ARIEL E ÚRSULA.....	34
FIGURA 6 - IRMÃS DA CINDERELA.....	34
FIGURA 7 - NOVIDADES NO AMOR.....	35
FIGURA 8 - TERAPIA DO AMOR.....	35
FIGURA 9 - 20ANOS MAIS JOVEM.....	36
FIGURA 10 - OUTONO EM NY.....	36
FIGURA 11 - MAGIA AO LUAR.....	36
FIGURA 12 - JOVEM E BELA.....	36
FIGURA 13 - MC MELODY.....	38
FIGURA 14 - JULIANA CAETANO.....	39
FIGURA 15 - COMENTÁRIOS NO YOUTUBE.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PESQUISA DOCUMENTAL.....	12
3	O QUE É CULTURA?.....	13
3.1	Cultura, domínio e relações de poder	15
3.2	Cultura Patriarcal	17
4	“CULTURA DA PEDOFILIA”	21
4.1	Sexualização do estereótipo infantil	24
4.2	Objetificação feminina.....	27
4.3	Desigualdade na relação homem mulher	29
5	MÍDIA E CULTURA DA PEDOFILIA	31
5.1	Disney	33
5.2	Cinema e diferença de idade	35
5.3	Indústria musical e inversão de papéis.....	37
5.4	Entre muitas outras coisas.....	40
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Um pedófilo é alguém que ataca bebezinhos no berço ou criancinhas no parque, e o estupro, é quando alguém te agarra em um beco escuro, rasga suas roupas e faz sexo com você à força. Uma menina de 12 anos que consente ter relações com seu padrasto (40+) sabe perfeitamente o que está fazendo.

Ao mencionarmos o tabu que é a pedofilia, é válido supor que a opinião geral vai criar uma imagem mental instantânea de atos monstruosos, doentios e totalmente distantes da nossa realidade. Algo que, quando acontece, repercute de maneira grandiosa, abalando a todos, comparado, por exemplo, à queda de uma aeronave, evento raro e triste. Isso porque em nosso imaginário o pedófilo é um completo monstro, não deixando espaços para o meio termo. No entanto, a pedofilia tem uma cara muito mais *sexy*, cotidiana e sutil do que se imagina.

Se pararmos para analisar mais a fundo, a nossa sociedade está imersa no que podemos chamar de “cultura da pedofilia”. Desde a estética até a forma que tratamos meninas e mulheres desde cedo, delegando sempre muitas responsabilidades e mantendo a ideia de amadurecimento precoce frente aos homens. É comum que enquanto meninos joguem vídeo games, meninas da mesma idade ajudem nos afazeres de casa. Na tentativa de romper com o conservadorismo de uma sociedade, como a brasileira - que é uma das campeãs em consumo de materiais pornográficos, ocupando o 12º lugar¹ mundial, mas que em sua maioria nega a educação sexual nas escolas - esse trabalho tem por objetivo abordar a pedofilia sob uma nova ótica, bem mais sutil. Muito além dos limites do transtorno psicopatológico (Organização Mundial da Saúde), o objetivo é tratar o tema como algo cultural, recorrente e já tão naturalizado que problematizá-lo torna-se um exercício difícil.

Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico através de Federici 2017, que fala a respeito da cultura patriarcal, de onde brotam as raízes do que seria a “cultura da pedofilia”, termo trazido à tona pela escritora norte-americana Alicen Grey em 2015 e que se torna cada vez mais atual. Apesar da inegável importância, e até mesmo urgência, de se trabalhar abertamente a educação sexual nas escolas, é importante enfatizar que o presente trabalho não teve como foco principal formas didáticas de se educar sexualmente as crianças, pois elas são, sem dúvidas, o elo mais frágil dessa situação. Não sendo justo,

¹ Disponível em: <<https://canaltech.com.br/internet/brasil-continua-como-um-dos-20-paises-do-mundo-que-mais-acessam-o-pornhub-128985/>>. Acesso em 07/06/2022.

assim, responsabilizá-las por sua própria segurança. Por isso, o foco encontra-se mais em analisar a cultura na qual estamos imersos e provocar reflexões a respeito do que nós, enquanto adultos, estamos permitindo e naturalizando. Sendo assim, o objetivo geral desse trabalho é abordar a pedofilia enquanto processo cultural. E como fins específicos, verificar de que modo a mídia se relaciona com a naturalização da “cultura da pedofilia”, além de observar também os efeitos nocivos que essa abordagem midiática trás para as mulheres (principais vítimas dessa cultura) e para nossa visão de mundo.

Dado que o tema da pedofilia enquanto distúrbio psíquico já é algo bastante conhecido, porém sob a ótica da cultura é relativamente novo, essa pesquisa tem caráter exploratório, e se propõe a apresentar uma visão mais processual e crítica de tal fenômeno, a fim de poder colaborar para a compreensão do mesmo e quem sabe, inspirar outras investigações. Com o objetivo de elucidar e discutir melhor os seguintes temas, o trabalho foi dividido em quatro capítulos: procedimentos metodológicos; o que é cultura; cultura da pedofilia e mídia e cultura da pedofilia.

O primeiro capítulo tem por função exibir os procedimentos metodológicos utilizados para delinear este trabalho acadêmico. Que contou além da pesquisa bibliográfica com a pesquisa documental, empregada para mostrar a “cultura da pedofilia” na prática, e como essa se faz presente nas mídias em geral.

O segundo capítulo é responsável por remontar e abordar mais a fundo os processos que levaram à “cultura da pedofilia”. Por meio de discussões teóricas, que possibilitam a compreensão geral de cultura, patriarcado e de como se constituíram as relações de poder.

Já o terceiro capítulo aborda a “cultura da pedofilia”, compreendendo-a como cria de uma sociedade patriarcal, e neste cenário são introduzidas as principais características que fundamentam essa cultura, como por exemplo, o padrão estético e a objetificação feminina.

O quarto e último, apresenta uma análise dos principais materiais que circulam nas mídias, como imagens, letras de músicas, comentários da internet, filmes e demais documentos que exemplificam e confirmam as teorias a respeito da mídia como incentivadora da “cultura da pedofilia”, levantadas durante o presente trabalho.

Por fim, foram explanadas as considerações finais construídas ao longo desse processo, assim como demais reflexões.

2 PESQUISA DOCUMENTAL

Por ser este trabalho um estudo de caráter qualitativo, que, como aponta KRIPKA *et al* 2015 (p. 243), “busca compreender um fenômeno em seu ambiente natural”, a pesquisa documental foi utilizada como ferramenta na tentativa de mostrar o quanto a cultura da pedofilia está disseminada em nossa sociedade. Pois esse tipo de pesquisa possibilita a análise de documentos que todavia não foram analisados, ou que podem também ser reexaminados na busca de outras perspectivas.

Os chamados documentos incluem diversos tipos de materiais, “pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano e elementos folclóricos.” (CELLARD, p.297 *apud* KRIPKA 2015, p. 244), sendo desafio do pesquisador, selecionar, tratar e interpretar as informações neles contidas. Por ser uma espécie de registro de caráter natural, ou seja, que não foi feito com outra intenção se não aquela a qual se destina, como por exemplo, uma carta, que embora dê margem para várias interpretações, foi escrita em um determinado contexto e fornece informações sobre ele, ou um filme que segue seu roteiro e aquilo não muda com o passar dos anos, os documentos fornecem uma visão daquela determinada realidade. O que para os objetivos dos estudos qualitativos é bastante interessante, já que lhes dá a oportunidade de entender o fato dentro do ambiente no qual ocorreu.

No entanto, documentos também podem ser tirados de contexto e produzirem um sentido diferente daquele que lhe era próprio, como uma cena de filme em que se pode ocultar certas partes e depois uni-las com outras, criando uma nova perspectiva. Quanto às desvantagens desse tipo de pesquisa, Flick, (2009) aponta que uma delas seria o fato de existir certa limitação de recursos, o que obrigaria o pesquisador a ser seletivo, não utilizando todos os documentos disponíveis ou necessários e enfatiza a importância de investigar a credibilidade daquelas informações.

Por se tratar de produções humanas é preciso levar sempre em conta que há certa subjetividade nos materiais, porém, o método de análise documental ainda assim possui vantagens enormes, sendo uma das principais, como apresenta Gil (2015) o fato de permitirem a obtenção das informações mesmo após longos períodos de tempo, tornando possível observar as mudanças sociais e culturais, além de possuírem baixo custo e proporcionarem o não constrangimento do sujeito que pode ser analisado a distância.

Em suma, trabalhar com documentos é como ir direto à fonte, sem precisar mover-se do lugar, e é justamente o que distingue a pesquisa documental de outros tipos de pesquisa, como a bibliográfica, por exemplo, que como afirma Marconi e Lakatos, (2007) “embora ambas utilizem documentos, no primeiro caso, denomina-se fontes primárias, as quais não receberam tratamento analítico, no segundo, as fontes são secundárias, abrangem toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema”. Para atingir o objetivo deste trabalho, que é o de entender o processo cultural da pedofilia e verificar a influência da mídia nesse processo, foram utilizados ambos os métodos, e serviram como fonte de dados, fotos, vídeos, comentários da internet, músicas, artigos, livros, entre outros.

3 O QUE É CULTURA?

Antes de darmos início a um trabalho que vai tratar a pedofilia como algo cultural, é imprescindível que falemos a respeito do que se entende por cultura, já que este termo tão abrangente pode fazer com que nos percamos em suas diversas possibilidades de abordagem. Falar de cultura é algo extremamente complexo, já que o próprio ato de definir a cultura passa por aspectos culturais. Mas, focando aqui de modo mais simplificado, falaremos principalmente sobre duas concepções básicas de cultura, sendo a primeira, a cultura como algo que remete a todos os aspectos de uma realidade social. Que significa dizer que “a cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social, de um povo ou nação” (SANTOS, 2009, p. 23).

Por exemplo, quando falamos de cultura mexicana, ou cultura nordestina, todos os hábitos, as vestimentas, a culinária e os modos que essas determinadas sociedades utilizam para organizar a vida social e material, vão ser incluídas como partes únicas e que caracterizam essa sociedade. Sendo essa concepção mais utilizada para nos referirmos a realidades sociais mais distintas das nossas, em que existem poucas características em comum. Nesse caso, cultura existe como um fator identitário, que nos permite classificar e reconhecer determinados povos.

Já a segunda concepção de cultura diz respeito “[...] ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social.” (SANTOS, 2009, p. 25), fazendo alusão a uma esfera existente dentro desta mesma sociedade. Ao falarmos, por exemplo, em cultura francesa, brasileira, italiana, podemos estar nos referindo a língua, a literatura, ou demais conhecimentos, sejam eles filosóficos, científicos, ou

artísticos produzidos nesses respectivos países. Aqui cultura aparece estando mais associada a capacidade humana de significar, como afirma Guertz, em seu livro, “A Interpretação das Culturas”:

“O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (1926).

Sendo assim, os homens, diferente dos animais, são capazes de significar, criar os signos e interpretá-los, dando sentido para cada tipo de coisa. Sendo a cultura portanto, essencialmente semiótica.

Então, basicamente, o que podemos perceber em ambas as concepções é que a cultura é algo que nos permite distinguir, identificar e reconhecer determinados povos, e é também capaz de fazer com que nos reconheçamos como seres humanos, já que esta se relaciona com a mente, com os processos criativos e a nossa capacidade de significar.

Estudar sobre a cultura nos permite entender como cada sociedade se organiza, inclusive a nossa, além do motivo de fazerem as coisas da forma que fazem. Ao observar as semelhanças e diferenças existentes, podemos entre outras coisas, nos questionar se determinados métodos funcionam, ou não, se já funcionaram, por qual motivo não funcionam mais, etc. Importante deixar claro que cultura é criação humana, considerada inclusive capaz de distinguir os seres humanos dos animais e embora não seja o mesmo, como afirma Santos, (2009), “é a própria marca da civilização”. Então, como tudo que diz respeito a humanidades, a cultura é processual, dinâmica e acompanha uma sociedade que está em constante mudança, não existindo, assim, uma forma estagnada de cultura.

Cultura se liga a questões históricas, religiosas, filosóficas, dentre inúmeras coisas que seria impossível abordar em poucas páginas. “É o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.” (FERREIRA, 1986, *apud* BORIS, p. 454). Mas nos prendendo as concepções já citadas, a cultura é principalmente algo que diz respeito a partilha de valores. Quando em uma sociedade existe um pensamento, um costume, um ritual, que todas as pessoas, ou pelo menos a maioria delas, segue fielmente, seja de modo consciente ou não, essa se torna a cultura dominante daquela sociedade, a sua verdade. Essa forte característica cultural pode estar presente de forma mais isolada, como em uma pequena região do país, ou de forma amplificada, quase mundial, se fazendo presente em diversos países mesmo que muito distintos em sua linguagem, história, clima e geografia, afinal, “por mais diferenças que possam existir

entre os países, todos partilham processos históricos comuns e contêm importantes semelhanças em sua existência social”. (SANTOS, 2009, p. 39).

E quanto mais abrangente esse aspecto cultural for, quanto mais pessoas e sociedades partilharem dessa mesma “cultura”, maior será sua força, e, portanto, seu papel como verdade inquestionável, ou quem sabe, inquestionada.

3.1 Cultura, domínio e relações de poder

Não há como falar em cultura, sem falar em relações de poder, pois esta é intrínseca à construção social. Para que fosse estabelecida uma determinada cultura, foi preciso que os seres humanos em algum momento entrassem em acordo com relação a certas normas e regras, que depois de um tempo passaram a ser estabelecidas como comuns, porém não surgiram de forma natural. Em um primeiro momento a necessidade de modificar o espaço se deu com a finalidade básica de sobrevivência, e os aspectos culturais foram se moldando de acordo com o que era mais conveniente. No entanto, a cultura organizacional dificilmente iria representar um universo homogêneo e, desse modo, sempre haveria uma cultura dominante e diversas subculturas convivendo em um mesmo lugar.

Para entender como funcionam as relações de dominação, primeiro é preciso pensar a noção de poder, que pode ser compreendida de diversas formas. O poder pode ser exercido através da coerção, força da promessa e do acordo mútuo; estar nas mãos daqueles que são mais instruídos intelectualmente, daqueles que tem mais capacidade de influência, ou trazendo a questão para um universo mais contemporâneo e capitalista, nas mãos daqueles que possuem uma maior condição financeira. No entanto, se fossemos pensar em um surgimento da hierarquização de uma cultura, poderíamos partir da definição do sociólogo Max Weber que define o poder como “a capacidade de fazer valer sua vontade utilizando da autoridade racional, violência física ou simbólica” (1983, apud Botler, 2010. P.198). O primeiro termo trata basicamente das leis criadas burocraticamente e legitimadas no papel. Já a violência física é a forma de poder talvez mais fácil de ser exemplificada, pois consiste em literalmente forçar o outro a seguir sua vontade. E por último, temos a violência simbólica, conceito trazido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu e que se distingue das outras duas por não estar diretamente ligada ao estado nem a algum poder de repressão que claramente a identifique como tal.

Sendo talvez a mais problemática e complexa das três, a violência simbólica parte do poder simbólico que por sua vez tem origem nas ideias, e por ser algo tão subjetivo, é também mais difícil de ser compreendido. Bordieu (1997, p. 22), define a violência simbólica como “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. Essa violência vem de um poder que não se mostra como poder, fazendo com que muitas vezes o indivíduo dominado nem se quer perceba que o é, e até mesmo colabore com isso.

Para entender o poder simbólico na prática, poderíamos pensar em um exemplo simples: uma festa em que todos os presentes utilizam trajes de gala, mas um convidado desavisado chegou vestindo shorts e camiseta. É provável que a pessoa em questão tenha a sensação de desconforto e inadequação, mesmo que ninguém tenha feito comentários negativos a respeito de suas roupas. Pois essa é a força do simbolismo, em algum momento da história alguém determinou que aquela roupa era inapropriada para tal evento, e isso se estabeleceu como uma verdade.

Ao longo da nossa história temos outros exemplos que infelizmente não são tão simples assim. Dentre eles, estão: a colonização dos povos indígenas, o holocausto judeu, a escravidão e a caça às bruxas. Todos esses terríveis eventos têm em comum a violência simbólica, aliada, claro, a outros tipos de violência, sendo a primeira, sem dúvidas, a mais influente e poderosa delas, pois, como afirma Augusto Boal em seu livro *A Estética do Oprimido*, “é pela posse da palavra, da imagem e do som que os opressores oprimem, antes que o façam pelo dinheiro e pelas armas.” (2009, p.40).

Em suma, o poder é instrumento essencial para exercer qualquer tipo de dominação, mas nenhuma dominação permanece ao longo do tempo se não existir um tecido social que a legitime. É preciso convencer o dominado de que sua dominação é legítima. E para conseguir tal feito, antes de tudo, é criada uma espécie de pânico moral, que ocasiona um juízo pronto de reprovabilidade com base em um suposto perigo e através do medo plantado por informações infundadas. Como por exemplo, as crenças de que mulheres voavam em vassouras ou tinham relações sexuais com o diabo, que levaram à caça às bruxas, semelhante também às ideias que os colonizadores europeus disseminaram a respeito do novo mundo “que era descrito pelos missionários como “a terra do demônio”.” (FEDERICI, 2017, p. 407) sendo seus habitantes constantemente retratados fazendo banquetes de carne humana e oferecendo crianças ao diabo.

Esse pânico moral enfraquece as relações, confundindo e separando as pessoas. Desse modo, a dominação se justifica e acaba ocorrendo de maneira mais fácil. O golpe militar brasileiro de 64 é outro exemplo disso. Que tendo como suposta motivação uma possível ameaça comunista, a junção de violência física e simbólica vitimou centenas de pessoas de forma extremamente cruel.

3.2 Cultura Patriarcal

Em nome do pai, do filho e do espírito santo.

O patriarcado não é exatamente uma cultura, e sim, um sistema social. Mais precisamente, o sistema social que segue sendo como dominante. Porém, como a cultura existe a partir dos aspectos da sociedade, podemos falar na existência de uma cultura patriarcal histórico e socialmente estabelecida. Ao observarmos a etimologia das palavras, geralmente conseguimos descobrir várias coisas a respeito do que elas significam: a palavra patriarcado, por exemplo, deriva das palavras gregas, *pater* que significa pai e *arkhe*, que se traduz como comando (PRIBERAM, 2022). Comando do pai, comando do homem, homem no comando. O sistema que faz jus ao nome pelo qual é chamado, não só se baseia na construção familiar, do pai como chefe de família, mas se expande para todos os âmbitos da sociedade, colocando o homem como detentor do poder.

A construção da sociedade patriarcal se deu como um processo, que ocorreu e foi se estabelecendo ao longo dos anos, não sendo possível precisar o seu surgimento, ou mesmo o motivo de haver surgido. As justificativas costumam ser biológicas, políticas ou econômicas, porém não são capazes de explicar por completo. Contudo, alguns momentos da história foram extremamente marcantes nesse processo, como os séculos XVI e XVII, por exemplo, onde o domínio patriarcal ganhou força aliado a acumulação capitalista, a partir da desvalorização e apropriação do corpo e trabalho feminino, que passaram a ser de total domínio do homem. Nesta época as mulheres foram impedidas de trabalhar fora e receberem salários, “dizia-se até mesmo que qualquer trabalho realizado por mulheres era “não trabalho” e não possuía valor, mesmo quando voltado para o mercado.” (WIESNER, 1993 apud FEDERICI, 2017. p. 102). A elas era condicionado apenas o cuidado dos filhos e o trabalho doméstico, obviamente não remunerado.

O casamento era visto como a verdadeira carreira para uma mulher, e a incapacidade das mulheres de sobreviverem sozinhas era dado como algo tão certo que, quando uma mulher solteira tentava se assentar em um vilarejo, era expulsa, mesmo se ganhasse um salário.” (FEDERICI, 2017. p. 184).

As mulheres tendo passado à completa dependência masculina, contribuía, através de mão de obra invisível, para que o capitalismo lucrasse com o trabalho prestado pelos homens e indiretamente por elas, já que estas, além de parir os futuros “operários”, cozinham, passavam e limpavam para seus pais e maridos, responsáveis por manter a roda do capitalismo girando, e, ao invés de dois salários, era pago apenas um (ao homem, é claro!).

Apesar de serem as principais vítimas desse sistema, as mulheres participaram ativamente do processo de opressão, tornando-se quem sabe as melhores cúmplices dos opressores. E um dos motivos que ocasionou essa colaboração das mulheres, vem do famoso “dividir para conquistar”. As mulheres eram Evas ou Marias, sem meio termo. Ou representavam a pureza, obediência, castidade, ou o pecado, a desobediência, a maldade. Através de boatos infundados, a sociedade ia pouco a pouco criando modelos e fazendo com que as mulheres se enquadrassem neles, e elas para se afastarem da imagem de mulher impura, desobediente, selvagem, se submetiam ao padrão de dona de casa submissa. Ainda durante os séculos XVI e XVII, as mulheres foram submetidas a uma intensa degradação da vida social, perdendo terreno em praticamente todas as áreas da vida.

Um dos direitos que as mulheres perderam foi o de realizar atividades econômicas por conta própria. (...) perderam o direito de fazer contratos ou de representar a si mesmas nos tribunais, tendo sido declaradas legalmente como “imbecis”. (FEDERICI, 2017, p. 199).

As mulheres eram ainda impedidas de administrar seus bens e suas vidas caso ficassem viúvas, sendo designado para isso um tutor. Não podiam viver sozinhas, ou mesmo com outras mulheres ainda que fossem da família, pois acreditava-se que sem um homem por perto elas não estariam devidamente controladas. “Em suma, além da desvalorização econômica e social, as mulheres experimentaram um processo de infantilização legal.” (FEDERICI, 2017, p. 200). E essas eram só algumas das exigências feitas às mulheres nos séculos XVI e XVII, e claro, aquelas que não estavam dispostas a cumpri-las, eram consideradas bruxas, perversas, loucas, sendo perseguidas e punidas.

A definição das mulheres como seres demoníacos, e as práticas atroz e humilhantes a que muitas delas foram submetidas, deixaram marcas indelével em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades. (FEDERICI, 2017, p. 203)

Na tentativa de se distanciar cada vez mais dessa imagem ruim associada às mulheres e tendo sido destruídas todas as perspectivas e também as práticas femininas como seus conhecimentos sobre chás, fases da lua, medicamentos, etc - que outrora eram a força destas - elas passaram a se submeter ao sistema imposto pelos homens.

A partir dessa derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal - passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Esta mudança começou no final do século XVII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de estado (FEDERICI, 2017. p. 205).

As mulheres perderam o governo de si mesmas, tornando-se objetos do homem e do Estado. Não havia escolha, nem escapatória, pois sair desse sistema implicava em desprezo, marginalização, perseguição e morte. Quando a morte não ocorria diretamente, ocorria de forma indireta, pois sem direito à moradia, comida e empregos, para continuar vivendo não restava mais nada além de se submeter.

O patriarcado apresentava ainda muitas justificativas, para que mais facilmente às mulheres fossem sendo domesticadas. Uma delas tinha relação com o fato de engravidarem, ficando impossibilitadas de trabalhar durante esse período. É claro que o sistema patriarcal antes se assegurou de tornar isso realmente verdade, já que com os métodos contraceptivos proibidos, as mulheres passavam boa parte da sua vida, grávidas ou cuidando dos filhos.

Enquanto na idade média, elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista (FEDERICI, 2017. p. 178).

Outra justificativa apresentada era a de que o ambiente doméstico seria mais seguro para as mulheres, o que contraria diretamente o fato da maioria delas haver sido mortas dentro de casa. Fato este que, infelizmente, assim como muitos outros já discutidos aqui, segue sendo muito atual, pois, segundo o IBGE (2021), a maioria dos crimes de feminicídio são cometidos dentro de casa pelos parceiros das vítimas, chegando em média a 30,4% em comparação com crimes praticados contra o sexo masculino, que gira em torno de 11,2%.

Essa breve contextualização é apenas para que tenhamos uma ideia de como a cultura do patriarcado foi se estabelecendo ao longo de muitos anos, e de como a visão

que temos das mulheres e seus direitos na sociedade derivam dessa mesma cultura. Podemos citar, como exemplo, o desrespeito enfrentado pelas mulheres nas ruas, que se assemelha a ridicularização sofrida por elas no passado, a dificuldade em ter credibilidade no mercado de trabalho, onde exercendo a mesma função que os homens elas seguem ganhando cerca de 20,5% menos que eles, (G1, 2022)² a rivalidade feminina, e a criminalização do aborto, entre muitas outras coisas.

Importante lembrar que assim como a cultura que é algo construído, o patriarcado não é, de forma alguma, natural, embora explicar o motivo de haver sido estabelecido seja algo complicado, pois até mesmo os materiais de estudo existentes foram escritos em sua maioria por homens, já que as mulheres (quando alfabetizadas) eram impossibilitadas de fazê-lo, nos deixando assim com apenas uma perspectiva. “As universidades, instituições criadas no século XIII, também foram proibidas as mulheres.” (BAUER, 2001 apud BEZERRA, p. 3).

Então podemos entender o patriarcado como um sistema criado e pensado de modo a atender as exigências de uma classe dominante, que como já explicado, não ganhava em números, mas em poder, e desse sistema partem várias outras ramificações, como por exemplo a cultura do estupro e a cultura da pedofilia que veremos no capítulo a seguir.

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos-que-homens-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 28/05/2022.

4 “CULTURA DA PEDOFILIA”

Para darmos início a abordagem sobre pedofilia, é necessário analisarmos os principais discursos relacionados ao assunto. De um lado temos a Organização Mundial da Saúde (OMS), que classifica a pedofilia como um distúrbio mental, enquadrando-a como um tipo de doença. Do outro lado temos a legislação, para dizer que o abuso sexual de menores de 14 anos é considerado estupro de vulnerável (artigo 217-A do Código Penal Brasileiro). Ainda temos o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que configura como crime a produção, consumo e distribuição de materiais pornográficos envolvendo crianças ou adolescentes. A proposta é pensar essas definições individualmente e, de certa forma, superficialmente, como alguém recebendo essa notícia num jornal, por exemplo.

Para exemplificar a pedofilia enquanto doença, usaremos um trecho do artigo intitulado “Pedofilia na Mídia Impressa”, de Tatiana Savoia Landini, que traz o caso do biólogo brasileiro Leonardo Chain, preso por portar diversas fotos e vídeos onde crianças e adolescentes eram acariciadas por ele enquanto dormiam. Em seu julgamento, a justificativa apresentada foi a doença mental, sendo inclusive ressaltada no título de uma das reportagens: “de certa maneira, sou doente, diz o acusado”. Outros trechos também voltam a dar voz para ele, que diz se considerar “fora do padrão da sociedade”. Além dele, outros casos, como o do belga Marc Dutroux e do filósofo francês Gerard Lebrun, foram justificados da mesma maneira (LANDINI, 2003). O problema é que declarações assim podem nos levar a supor que o pedófilo é alguém diferente das demais pessoas tidas como normais, causando assim um afastamento e um estranhamento, como se isso fosse raro de existir ou se a pessoa doente apresentasse características distintas das pessoas “comuns”.

Do ponto de vista legal, temos dois fatores problemáticos e limitantes. O primeiro é a idade da vítima, pois o texto da lei mostra que o estupro de vulnerável ocorre quando se trata de um menor de 14 anos. O segundo é a palavra “abuso”, como cita Jane Felipe, em seu artigo denominado “Afinal, Quem é Mesmo Pedófilo?”:

[...] a palavra abuso supõe que, em alguma medida, é possível fazer uso de alguma coisa. Como no caso do álcool, que tem seu uso permitido, mas se o sujeito abusa, é porque extrapolou de sua cota, passando dos limites aceitáveis para o convívio social. No caso do termo corrente “abuso sexual”, me causa um certo desconforto, pois ele dá a impressão

de que algum uso desse corpo infantil é aceitável, permitido (FELIPE, 2006).

Partindo desse ponto de vista, beijar no rosto, tocar, abraçar, pegar no colo, não seria considerado abuso. E ainda sobre a idade, um adolescente de quinze, dezesseis ou dezessete anos, por exemplo, não teria o discernimento e a maturidade para lidar e manter uma relação de iguais com alguém de trinta, quarenta ou cinquenta, por diversos motivos que vão desde falta de experiência até certo choque cultural, acarretado pela diferença notável de idade. Um desses motivos, comprovado pela neurociência, e que diz respeito à formação do nosso cérebro, é o córtex pré-frontal, que é responsável principalmente pela autoconsciência, o gerenciamento de emoções e o controle de impulsos. Esta parte do nosso cérebro, que começa se desenvolver no útero, só conclui a sua formação após os vinte e cinco anos. Com isso, alguém que não tenha ainda suas capacidades cognitivas totalmente ativadas não poderia estar no mesmo patamar de alguém que já as possui (SABATER, 2021). Lembrando que o objetivo não é criticar nenhuma dessas leis e definições, e sim mostrar que se levarmos esses discursos ao pé da letra e de maneira simplificada demais, resumiremos atos de pedofilia a um crime bárbaro, como fazer sexo com uma criança à força, praticado por alguém doente, e isso fará passar despercebido o meio termo. Acontece que a maioria dos crimes não são praticados por “pedófilos propriamente ditos” e sim por diversas pessoas que mantêm uma relação de poder ou confiança com o menor em questão, como pais, padrastos, tios, professores, vizinhos, entre outros. Dados levantados pelo Disque 100, em 2019, e publicados pelo site Agência Brasil³, mostraram que só nos primeiros meses do ano, mais de 70% dos casos de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil foram praticados dentro da casa da própria vítima. Com isso, passamos a outro patamar, pois, a menos que a maioria das pessoas do país seja acometida por esse distúrbio, o problema real da exploração de menores é maior e mais sutil do que se imagina.

Pensem então em cultura, palavra com origem no latim, que vem do termo *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer (SANTOS, 2009). Partindo desse pressuposto, mesmo sabendo que a palavra cultura adquiriu diversos significados ao longo do tempo, as suas raízes podem nos mostrar que algo que é cuidado e cultivado tende a crescer, seja de maneira positiva ou negativa. Então porque não pensarmos em

³ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-05/mais-de-70-da-violencia-sexual-contra-criancas-ocorre-dentro-de>>. Acesso em 26/11/2021.

pedofilia como um hábito social, cultivado, mantido e naturalizado? Embora este seja um tema bem abrangente, o foco aqui está nas mulheres, já que elas são as principais vítimas. Segundo o Ministério da Saúde (maio de 2020), em 87% das denúncias sobre casos de pedofilia os acusados são homens. Reforçando o que já foi dito anteriormente, por mais que no imaginário social o pedófilo pareça um monstro horrível, na realidade ele é alguém bastante comum.

Em 2015, uma escritora chamada Alicen Grey, especialista em estudos de gênero, deu origem ao debate sobre pedofilia enquanto cultura, ao publicar no *web site Feminist Current*, um texto intitulado “*I’m a pedophile, but not a monster*”, que traduzido para o português seria “Eu sou um pedófilo, mas não um monstro”, onde escreveu o seguinte:

A pedofilia pode parecer um tabu e ser desprezada pelas massas, mas uma avaliação honesta da nossa cultura em geral revela o contrário. Proponho que a pedofilia seja realmente recompensada e celebrada, e que toda nossa cultura e compreensão da sexualidade seja construída em torno do que parecem ser os desejos da pedofilia. Eu chamo isso de “Cultura da Pedofilia”. (GREY, 2015).

O trecho ilustra bem o que se pretende esclarecer aqui. A pedofilia, para além de um distúrbio mental, é uma construção social que influi de muitas maneiras no comportamento, na subjetividade e nas preferências das pessoas, sendo o padrão de beleza a mais notável dessas preferências. Pois como veremos mais adiante, o que é considerado bonito para a maioria são então características infantis, corpos sem pelos, sem estrias, sem rugas etc.

A chamada “cultura da pedofilia” (termo criado em 2015, mas que não tem nada de novo) nada mais é do que a cultura na qual estamos imersos desde que nascemos. Cultura patriarcal, criada por e para os desejos masculinos, onde a mulher sempre tem que ter menos. Menos altura, menos idade, menos peso, menos esperteza, menos dinheiro. Ao que parece, é a forma que o homem encontrou para sentir-se mais. Cultura que desumaniza a mulher, transformando-a desde cedo em mero objeto, responsável por suprir os desejos e necessidades do homem. São bruxas, sereias, ninfas, mas nunca humanas. A pedofilia enquanto cultura é fundamentada por alguns conceitos, dos quais três se destacam: a sexualização do estereótipo infantil, a objetificação feminina e a desigualdade de poder na relação entre homens e mulheres.

4.1 Sexualização do estereótipo infantil

Como já citado anteriormente, dentre os aspectos que formam o tripé da cultura pedófila, o primeiro e mais simples de ser observado diz respeito ao padrão de beleza, que, no geral, sempre está atrelado à juventude. Cremes antirrugas, procedimentos que prometem frear o envelhecimento, corte de cabelo que vai te deixar vinte anos mais jovem, etc. Para as mulheres em particular, as exigências aumentam. Pouco peso, corpos firmes, rosto simétrico, pele lisa, sem celulite, sem vasinhos, sem manchas... a lista praticamente não tem fim, e para qualquer lado que se olhe existem milhares de discursos desse tipo.

O modo como nossa sociedade lida com o envelhecimento é extremamente problemático, há uma enorme exaltação da juventude, ao mesmo tempo que aversão e desprezo pela velhice. Se parássemos para pensar, apenas na ideia isolada de congelar a vida em uma única fase, veríamos que não é uma tarefa que vai nos trazer satisfação, visto que é muito difícil ser feliz correndo atrás de algo inalcançável. Então, isso bastaria para pôr um fim nessa batalha impossível que travamos contra o tempo. Mas, para uma sociedade que gira em torno dos interesses do capitalismo, a autoaceitação não é lá muito lucrativa. Então seguimos firmes e fortes estabelecendo prazos de validade para as pessoas, como produtos em uma prateleira, onde os mais novos são mais caros, mais valorizados e os mais antigos entram em promoção. Se tratando de mulheres isso se amplifica ainda mais, visto que alguém determinou em seus rótulos que elas eram mais perecíveis, oxidáveis. Portanto, sendo necessário comê-las frescas. Aqui já entramos em outro ponto que seria a objetificação dos corpos femininos, mas isso será abordado com calma mais adiante. Por agora o foco será analisar as características infantis no padrão de beleza socialmente estabelecido.

Para começar a exemplificar os desejos do patriarcado sobre os corpos femininos, nada melhor que a “Receita de Mulher” do muito venerado poeta Vinicius de Moraes, que já inicia dizendo: “As muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”, enquanto segue com a definição de beleza:

Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo, olhos então, nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca fresca, (nunca úmida!). É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas, e as pontas pélvicas. (MORAES, 2003, p. 13)

Em outra parte, ele fala:

[...] uma mulher sem saboneteiras é como um rio sem pontes.
Indispensável. (MORAES, 2003, p.13).

Nesse trecho, onde o autor descreve as características do que seria para ele a mulher ideal, ou seja, feita sob encomenda, podemos observar algumas características que são facilmente encontradas em crianças, principalmente a exaltação da magreza (é certo que nem todas as crianças são magras, mas a ideia de magreza pode ser atrelada a algo pequeno, compacto, facilmente manuseável) na parte em que ele fala sobre ossos que despontam e sobre as saboneteiras (vão que fica acima da clavícula). Também é importante enfatizar a característica do olhar: “que olhe com certa maldade inocente”. Com isso temos um pequeno conjunto de características frágeis e, porque não dizer, infantis? Mais adiante, em outra parte do poema, ele volta a falar sobre a magreza dizendo:

Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral levemente à mostra; e que haja um grande latifúndio dorsal! Os membros que terminem em hastes, mas bem haja um certo volume de coxas e que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem. (MORAES, 2003, p.47).

Membros em haste, ou seja, estreitos como varas, e lisos como pétalas, nesse quesito, pelos grossos são espinhos e estão totalmente fora de questão. Por fim, “Os olhos, que sejam, de preferência, grandes, e de rotação tão lenta quanto a da terra.” Aqui, temos os olhos grandes, característica bastante encontrada em bebês⁴ e de rotação lenta, para que o homem esteja sempre um passo à frente.

A curva ligeiramente felina de uma maçã, as pernas graciosas cobertas de suavíssima penugem.” (NABOKOV, 2003, p.19).

⁴ “O desenvolvimento infantil normal procede da cabeça para baixo. No nascimento, os olhos do bebê já têm 65% do tamanho adulto, enquanto os outros órgãos se desenvolvem mais de 90% conforme a pessoa cresce, os olhos crescem apenas 35%.”

Disponível em: <<https://www.allaboutvision.com/pt-br/visão-infantil/problemas-bebes/>>

Acesso em: 23 de nov de 2022 às 14h:30.

Esse último trecho, que não faz parte do poema, mas devido a semelhança, poderia tranquilamente fazer, é apenas pra introduzir a obra de Nabokov, *Lolita* e, porque não, enfatizar a importância de estar atento à leitura, nesse caso, a como se lê, já que ao escrever sobre uma menina de doze anos que é drogada e abusada sexual e psicologicamente por um homem de 40, Nabokov lançou ao mundo a ninfeta, o jovem demônio que seduz os homens, e que virou uma das categorias mais buscadas no pornô mundial⁵.

E quem é Lolita, que virou um *sex symbol*? Não poderíamos sequer descrevê-la, pois não sabemos quem ela é. Temos apenas o que Humbert nos conta. Suas características, no livro, não diferem das da maioria das crianças pubescentes: magra, baixa, com rosto ainda infantil. Gostava de sorvete, de brincar, de ler histórias em quadrinhos, de andar de bicicleta. Dolores Haze era uma criança normal. Lolita, como se pode observar no trecho que se segue, é uma invenção de Humbert (viúvo de 40 anos e narrador principal do livro) da qual não sabemos nada, um objeto da sua imaginação. Lolita existia apenas para ele. Nas fantasias dele. Totalmente idealizada por ele.

Pela manhã era Lô, não mais que Lô, com seu metro e quarenta e sete de altura e calçando uma única meia soquete. Era Lola ao vestir os jeans desbotados, era Dolly na escola, era Dolores sob a linha pontilhada. Mas em meus braços sempre foi Lolita. (NABOKOV, 2003, p.11).

Obviamente Nabokov, ao escrever *Lolita*, não foi o responsável por criar em ninguém o desejo por meninas pré-púberes, mas é impossível citar a pedofilia sem falar dessa tão controversa obra, pois ela retrata muito bem como um discurso bem colocado pode fazer um culpado parecer inocente e vice-versa. Acontece que *Lolita* é um romance (no sentido de gênero literário. Importante elucidar.) escrito em 1952, pelo autor, russo-americano, Vladimir Nabokov, e que conta a história de Humbert Humbert, um homem adulto que inicia uma tórrida relação com uma menina de doze anos, após a morte da mãe dela, com a qual era casado. O livro narra explicitamente uma relação pedófila, inclusive o próprio narrador se assume como tal, no entanto, muitas pessoas acabaram interpretando a obra como sendo uma estranha, mas ainda assim história de amor. Quiçá por ter uma linguagem rebuscada e incrivelmente poética ou por simplesmente nos faltar o discernimento para saber onde a linha tênue que separa o consentimento da violência se rompe. O fato é que essa obra por si só bastaria para exemplificar quase todos os

5 Disponível em: <<https://adulto.vip/termospornograficos-maisbuscados/>>. Acesso em 30/03/2022.

problemas que esse trabalho objetiva expor, mas por agora, pegando a deixa de Lolita, passamos ao próximo ponto.

4.2 Objetificação feminina

Quero agora expor uma ideia. Entre os limites da idade de nove e catorze anos, virgens há que revelam a certos viajores enfeitados e bastante mais velhos do que elas, sua verdadeira natureza - que não é humana, mas nínfica (isto é, diabólica). A essas criaturas singulares proponho dar o nome de “ninfetas”. (NABOKOV, 2003, p. 18)

No livro, tudo que Lolita fazia, brincar de boneca, dançar, colocar os sapatos, estender roupas num varal, tudo, tudo, era para provocar Humbert. Ele transformou todos os gestos espontâneos da garota em provocações de cunho sexual dirigidas a ele. Objetificar alguém é simplesmente isso, negar as características psicológicas e emocionais que tornam esse alguém humano e transformá-lo em algo feito para servir de alguma forma a outra pessoa. Lolita perde sua humanidade assim que passa a ser chamada de ninfeta, um ser cujo único objetivo da existência é seduzir e excitar homens mais velhos.

Ainda sobre a objetificação, Figueiredo cita:

Esse fenômeno resulta em formas distintas de desumanização, podendo assumir características mecanicistas ou animais. A primeira ocorre quando o outro está associado a um objeto, desabilitando suas características humanas a ponto de substituí-lo com facilidade. Já a segunda acontece quando a pessoa tem seus traços de personalidade negados, como as mulheres, que são mais sexualizadas e menos ligadas à moralidade. (FIGUEIREDO, 2019 *apud* NOVELLI, 2020).

No caso das mulheres, ambas as formas ocorrem, tanto do ponto de vista mecanicista, onde o lado humano da pessoa é totalmente ignorado, importando somente o que ela aparenta ou o que pode proporcionar, como do ponto de vista animal, quando se tem a crença de que as mulheres são mais emocionais, instintivas, traiçoeiras, despidoradas e trabalham menos com a razão do que os homens. “Um animal imperfeito, sem fé, sem lei, sem medo, sem consistência.”, dizia um ditado francês do século XVII sobre as mulheres, retirado do livro *Calibã e a Bruxa* (FEDERICI, 2017).

Seja por qual meio for, a pessoa objetificada sempre vai estar em completa desvantagem. A soma de ignorar completamente os sentimentos femininos e outrora

estereotipá-los, faz com que o fenômeno da objetificação seja algo forte e recorrente. Do ponto de vista mecanicista, é como se o mundo fosse uma grande loja, mas só as mulheres estivessem na vitrine.

[...] as mulheres se subjetivam na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas.” (ZANELO, 2018. p.84).

E para ser escolhida você precisa ser jovem, bonita, magra, bem cuidada, para que só assim um homem, que não tem metade dos atributos que exige de você, decida te levar pra casa. A humanidade é tirada quando envelhecer não é aceitável, engordar também não, e quando um homem passa na rua e grita coisas obscenas para uma mulher. A intenção não é conquistar, pois não é possível que ele ache que vai conquistar alguém enquanto grita alguma coisa da janela do carro em alta velocidade. A verdade é que a mulher não é considerada alguém que pode não gostar disso, a mulher é considerada deles e para eles. E isto é resultado de anos de construção social, que como cita o sociólogo francês, Pierre Bordieu, tornou a mulher um objeto simbólico, sabido e deduzido com base nas ideias dos homens.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser é um ser-percebido, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem, primeiro, pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2012. p. 82).

Bordieu, em suas teorias, abordava o poder manifestado em suas formas mais sutis, dando destaque às manifestações de poder através das relações simbólicas. Sendo a língua o elemento simbólico da comunicação, os discursos são tudo, menos inoperantes. Por exemplo, ao ouvir a palavra “árvore”, imediatamente se cria uma imagem mental, de suas cores, suas formas etc. Nada disso é por acaso, tudo é parte da nossa bagagem cultural e conhecimento de mundo. A “árvore” em questão, está carregada de nossos gostos, crenças e influências. O mesmo acontece quando ouvimos a palavra mulher, o problema é quando só aparece uma definição possível; branca, magra, submissa, jovem, sensual. Detém o poder simbólico quem cria essa imagem e transmite pro mundo, fazendo dela a única aceitável, desejável e possível. Logo, isso é feito pelos homens, sendo da mulher apenas o papel de corresponder.

E para isso, temos inúmeros procedimentos estéticos, mutiladores, opressores e dolorosos, aos quais as mulheres se submetem para entrarem na vitrine, se destacarem ou permanecerem por mais tempo. Tudo isso faz com que o fenômeno da objetificação assuma outro patamar, tornando-se assim auto-objetificação, afinal, sendo homem ou mulher, o fato é que ninguém quer ser rejeitado, e assim é o *looping* infinito, onde a mulher luta para se encaixar e permanecer nos padrões, enquanto o homem segue escolhendo frente à vitrine.

4.3 Desigualdade na relação homem mulher

Mais acima, debatemos sobre o padrão de beleza estabelecido para as mulheres. Portanto se faz necessário também falar a respeito do padrão de beleza estabelecido para os homens. Ao analisarmos esse padrão veremos que se trata basicamente de músculos e altura. Rugas e cabelos brancos são perfeitamente aceitáveis para eles, inclusive complementam a aparência dando um toque de charme e maturidade ao visual. No entanto, além de não ser estabelecido com a mesma exigência que é para as mulheres, os atributos masculinos almejados são principalmente elementos de força, virilidade e dominação, o que acaba reforçando a mensagem do homem como ser superior.

Eles nos dizem mais uma e mais uma e mais uma vez que as mulheres precisam ficar, pequenas \ finas\ muito magras \ diminutas. Assim somos facilmente colocadas no bolso para ser usadas e jogadas fora mais tarde. (LOVELACE, 2018, p. 61).

Mesmo que biologicamente a composição dos corpos masculino e feminino tenham inegáveis diferenças, esse padrão que exige uma mulher delicada, feminina, magra, pequena, enquanto o homem precisa ser o ideal másculo com corpo de super-herói, reforça a ideia de submissão feminina perante o homem. Além de o fator idade ser algo muito mais aceitável para eles. Partindo da premissa que todos os seres humanos de alguma forma sejam objetificados, os homens têm um “prazo de validade” bem mais estendido, sendo somente o fim da sua virilidade capaz de abalar isso de alguma forma. Já que:

[...] A sexualidade e o seu exercício são inseridos em uma lógica de dominação centrada no patriarcado, cujo objetivo é satisfazer os prazeres dos homens (XAVIER 2020, *apud* NOVELLI 2020).

Então, basicamente, a objetificação masculina, que em nada se assemelha à feminina, pois esta coloca a mulher como algo feito para pertencer e agradar outrem, serve para reafirmar a masculinidade e posicionar o homem como ser dominante. E o fato de existir esta necessidade constante de se reafirmarem como tal (para outros homens, de preferência) afeta em cheio as mulheres, pois dos homens se espera que as deseje, mas não que goste delas, as mulheres estão para cuidar da família e fazer sexo. Para sair, passear, praticar esportes, ir a eventos, conversar, se divertir, estão os amigos. Pois a afirmação da masculinidade se faz em cima da negação de tudo o que é feminino.

O teste principal, e o primeiro, é a prova de antifeminilidade, ou seja, “não ser mulherzinha”, o que denominamos aqui, de misoginia. As mulheres devem ser desejadas, mas nunca deve desejar ser igual a elas (ZANELLO, 2018, p. 220).

Por isso, é sempre mais provável encontrar uma mulher trabalhando fora, num emprego tipicamente masculino, do que um homem dividindo tarefas domésticas. Em suma, o que podemos pensar aqui é que, em uma sociedade formada com base nos desejos masculinos (onde o padrão de beleza esperado para eles é composto por características dominantes e onde as mulheres constantemente têm a sua intelectualidade questionada, muitas vezes dependendo de um homem/patrão/pai/marido para alcançar determinado patamar, se sentirem seguras em vários aspectos, ou na pior das hipóteses, se sustentarem) os homens só escolhem e as mulheres não têm escolha! É muito nítida a diferença! Essa posição de inferioridade em que as mulheres são postas desde sempre, e em múltiplos sentidos, é um conjunto de fatores que mantém viva a cultura da pedofilia, onde a mulher é compelida a permanecer sempre pequena, frágil, jovem e dependente financeira, intelectual e emocionalmente de alguém mais velho, mais forte e maior do que ela.

5 MÍDIA E CULTURA DA PEDOFILIA

Quem nunca quis voar como seu super-herói favorito que atire a primeira sandália da Barbie. Através da televisão, dos jornais, da internet, são transmitidos discursos ideológicos, são criados modelos e padrões a serem seguidos. “A mídia é considerada o quarto poder, ou seja, o quarto maior segmento econômico do mundo, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui.” (SILVA, P. 3). Todos nós, em maior ou menor grau, já sentimos a necessidade, em algum momento, de adquirir um produto, experimentar uma comida ou até mesmo desejar um amor, uma viagem, uma vida parecida com algo que já vimos na TV. Isso porque a mídia e a cultura *pop* exercem sobre nós um imenso fascínio e, como produtos do capitalismo que são, estão constantemente tentando nos dizer do que devemos gostar ou o que precisamos ter para sermos melhores, mais legais, mais bonitos ou bem-sucedidos.

As mídias oferecem as narrativas que dão sentido à cultura do consumo. Ninguém pode duvidar do poder de persuasão que as imagens espetaculares exercem sobre o público, especialmente o público infantil e juvenil. A telenovela, por exemplo, além de divulgar as mercadorias dos patrocinadores da produção narrativa, apresenta um modo de ser do operário que se identifica com uma grande parcela da população masculina brasileira como gostar de futebol e fazer um churrasquinho com os amigos no fim de semana. (TERUYA, 2009, p. 157).

Isso se dá porque a mídia trabalha basicamente com a identificação, possuindo uma espécie de domínio carismático⁶, que faz com que possamos nos ver refletidos em suas histórias. É bastante recorrente que algo usado por uma protagonista de sucesso na TV vire tendência e comecem a ser comercializadas réplicas em grande escala. Que as pessoas copiem seu corte de cabelo, maquiagem, trejeitos, e algumas vezes até mesmo traços da personalidade. E mesmo que nem sempre a personagem em questão seja alguém como a maioria de nós, que pega ônibus lotado às 7 da manhã e enfrenta os desafios da vida “assalariada”, algum elemento presente nela vai sempre causar essa identificação capaz de fazer com que queiramos mais e mais parecer com ela. Portanto, seria um

⁶ “Essa forma de dominação ocorre por meio da capacidade carismática que uma pessoa tem de mobilizar as massas e comandar as pessoas. Geralmente, os súditos desse tipo de pessoa conferem uma devoção ao líder carismático não só pela sua personalidade de liderança, mas também pela crença ou pela fé.”

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/dominacao-para-max-weber.htm>

Dominação para Max Weber - Brasil Escola (uol.com.br)

equivoco pensar que a mídia por si só cria algo totalmente novo e o estabelece como sendo o melhor, o ideal.

Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa como simples instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia. (ESCOSTEGUY, 2000, p. 7).

Todos os discursos que circulam nas grandes mídias já existem na sociedade e na cultura na qual incidem, sendo narrativas que mostram, de uma perspectiva diferente, a vida que a gente já conhece. Assim, ficção e realidade se confundem, se misturam, tornam-se parte uma da outra, ficando difícil distinguir o que é mesmo verdade e o que foi inventado.

É importante ressaltar que a alienação é um elemento inerente a toda forma de comunicação. Todavia, a alienação impressa no diálogo do sujeito com a mídia é maior, porque não existe um equilíbrio no jogo de forças: a mídia tem mais poder. Podemos pensar em um diálogo quase unilateral. A palavra *quase* revela que existe uma dependência da mídia em relação ao sujeito, porque se não sensibilizar, se não influenciar o sujeito, o veículo se torna ineficaz. (MOREIRA, 2010).

Por isso, na perspectiva dos estudos culturais, pensar na mídia como algo isolado não é prudente, já que esta existe a partir da cultura, é feita para pessoas e também por pessoas, portanto, carregada de tudo que nelas existem, como preconceitos, preferências e sentimentos. Dizer que a mídia é fonte de manipulação e o consumidor é sujeito passivo, se assemelha à frase que a maioria de nós já ouviu, geralmente vindo de alguém mais velho: “essas músicas de hoje em dia são péssimas, por isso os jovens estão assim”. Como se a música por si só tivesse o poder de te transformar em algo, sem que houvesse a sua participação. A mídia pode ser sim, e é, uma poderosa fonte de manipulação, ainda mais quando se trata de crianças ou jovens, que geralmente ainda não possuem um senso crítico completamente formado. Mas nós não somos apenas sujeitos passivos diante dela, há um intercâmbio. Nesse caso, podemos pensar a mídia como algo que também retrata os desejos de uma sociedade, já que ela somente produz coisas para as quais existem consumidores, não sendo responsável, por exemplo, pelas preferências sexuais de ninguém, no entanto, tendo inegável participação na perpetuação de certos tipos de ideias e crenças, mesmo quando nocivas.

Sua relação com a cultura da pedofilia (que será abordada no subtópico seguinte) reside no fato de que a mídia é responsável por naturalizar certos tipos de padrões, através da repetição exaustiva deles, geralmente de uma forma romantizada e no modo como utiliza a identificação, desmobilizando o senso crítico e fazendo com que as coisas mostradas por ela se tornem tão familiares e cotidianas, que questioná-las seja bastante difícil.

5.1 Disney

Ao pensar as influências midiáticas, às quais somos expostos ainda durante a infância, poderíamos citar muitas, como a boneca Barbie, por exemplo, ou as *Bratz*, (brinquedos e animações) que mesmo sendo feitos para crianças, possuíam características de mulher, seios, maquiagem, usavam saltos altos, dirigiam carros e tinham, inclusive, namorados. Mas a escolha da Disney se dá pelo fato de suas histórias, principalmente as mais clássicas, terem enorme destaque e incontáveis versões ao redor do mundo. Nas imagens a seguir (Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6), temos quatro princesas da Disney (dos filmes clássicos, primeira versão, com exceção a Rapunzel) e suas respectivas vilãs; mais a Alice, que não era uma princesa, mas é também uma das mocinhas, tendo uma história igualmente famosa e bastante difundida. Além das já citadas, temos também as duas irmãs da Cinderela.

Figura 1 - Cinderela e a Madrasta.



Figura 2 – Alice e a Rainha de Copas.



Figura 3 - Branca de Neve e a Rainha Má.



Figura 4 - Rapunzel e Gothel.



Figura 5 – Ariel e Úrsula**Figura 6 - Irmãs da Cinderela**

Ao observarmos as imagens, podemos perceber padrões que se repetem: as heroínas, criadas para representar o lado bom, amoroso, puro e inocente, são representadas como moças jovens, magras e completamente dentro dos padrões. Enquanto as vilãs, que representam o mal, o lado feio e obscuro da história, são, no geral, mulheres mais velhas, algumas vezes acima do peso e com características fora dos padrões de beleza socialmente convencionados. Por mais que tenhamos evoluído nesse sentido e que os filmes da Disney hoje em dia retratem personagens menos redondas e estereotipadas, trazendo vilãs bonitas, ou que também tem um lado bom por exemplo, é inegável que as histórias citadas influenciaram e seguem influenciando gerações.

Além da forma como são constantemente retratadas no seu físico, essas vilãs odeiam as mocinhas por não possuírem as virtudes que estas possuem. Na história da Branca de Neve, a rainha má tenta matá-la quando a princesa completa 14 anos e passa a ser mais bonita que ela, que até então era a mais bela de todo reino. A mamãe *Gothel* da Rapunzel prende-a na torre para absorver diariamente uma espécie de magia que vinha da menina, capaz de manter a vilã sempre jovem. A Úrsula precisa roubar a voz da Ariel e mudar completamente sua aparência, transformando-se em uma moça jovem e magra, para só então ter a oportunidade de se casar com o príncipe. A madrasta da Cinderela a veste com farrapos para esconder sua beleza e a impede de ir ao baile, para que ela não seja uma concorrente das suas filhas biológicas (cujas idades não são reveladas, mas aparentam ser mais velhas, sendo retratadas, inclusive, com linhas de expressão) que almejavam se casar com o príncipe. A Alice, embora tenha uma história um pouco diferente, que não envolve casamentos nem competição por beleza ou juventude, mostra uma rainha malvada, acima do peso e também com aparência bem mais envelhecida, o que segue com a representação da velhice atrelada a coisas ruins. Com todas essas influências, é provável que quem assista escolha alguém para se identificar, e geralmente não queremos nos assemelhar com aquilo que é retratado como mau, obscuro, errado ou

feito. Ainda mais se tratando de um público infantil, cujas mentes não desenvolveram ainda um senso crítico mais apurado, sendo muito mais provável que quem assista aos filmes queira parecer com as princesas e não com as vilãs. Pois a mensagem passada é a de que existe um ideal e que a velhice não se encaixa nele, sendo associada a algo que as pessoas lutam para se livrar, chegando ao extremo, inclusive, de matarem umas às outras.

5.2 Cinema e diferença de idade

Não vamos nos focar aqui nos problemáticos óbvios, onde as histórias trazem meninas se relacionando com caras que tem idade para ser seu pai, ou seu avô, de maneira extremamente erótica, como as versões de *Lolita*, *Beleza Americana*, *Pretty Baby* ou a série *Presença de Anita*, bastante popular dentro e fora do Brasil. Focar sim, nas abordagens cinematográficas mais sutis, onde o tema diferença de idade não tem um caráter tão erótico, sendo mais um elemento utilizado para dificultar o amor e render uma boa história, assim como acontece muitas vezes com a questão da distância geográfica ou a diferença entre classes sociais.

Ao observarmos alguns filmes que abordam esse tipo de relação, podemos perceber uma coisa curiosa sobre a divergência na idade dos protagonistas. Nos filmes em que a mulher é mais velha que o homem, Figuras 7, 8 e 9 a seguir, a diferença real de idade entre os atores ficava entre 8 e 9 anos, sendo a mais destoante (ironicamente em um filme cujo título é “*Vinte ans d’écart*”. Em tradução direta, “Vinte anos de diferença”) de 12 anos apenas.

Figura 7 - *Novidades no amor* (2009).
Catherine Zeta-Jones, 40 anos. Uma
Thurman, 35 anos.
09 anos de diferença.

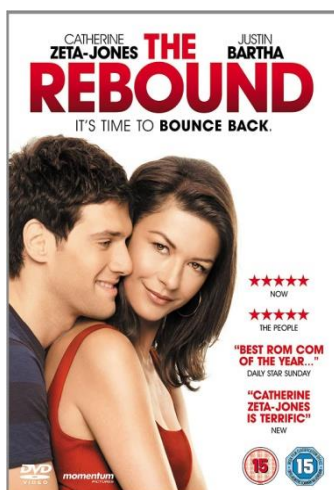


Figura 8 - *Terapia do amor* (2005).
Uma Thurman, 35 anos.
Bryan Greenberg, 27 anos.
08 anos de diferença.



Figura 9 - 20 anos mais jovem (2013).
Virginie Efira, 36 anos. Pierre Niney, 24 anos.
12 anos de diferença.



Além da diferença real de idade ser bem menor, quando a protagonista precisa ser mais velha que seu par romântico, visualmente a diferença também não é tão chocante, poderíamos dizer que é quase imperceptível, o que alimenta a ideia de que biologicamente ou esteticamente, as mulheres precisam estar sempre jovens. Diferente dos filmes em que o homem é o mais velho do casal, que, como podemos ver nas imagens abaixo, a diferença é bem nítida.

Figura 10 - Outono em NY.
Bela.



Richard Gere, 51 anos.
Winona Ryder, 29 anos.
22 anos de diferença.

Figura 11 - Magia ao Luar.



Colin Firth, 54 anos.
Emma Stone, 26 anos.
28 anos de diferença.

Figura 12 - Jovem e



Leysen Johan, 63 anos.
Marine Vatch, 22 anos.
41 anos de diferença.

Biologicamente mais velhos e fisicamente também, os homens têm as rugas e os cabelos brancos totalmente liberados. Outro ponto que chama atenção, dentre os filmes analisados, é que, quando a diferença de idade corresponde ao homem sendo o mais velho, em sua maioria, é do gênero Romance/Drama. Apenas um dos citados, “Magia ao Luar”, se distingue, sendo então uma comédia romântica, enquanto os filmes em que as mulheres eram mais velhas que seus parceiros, todos eram do gênero Romance/Comédia. O que nos leva a questionar o porquê de um homem poder viver verdadeiramente um romance, uma história dramática e sentimental com uma mulher cerca de 30 anos mais jovem que ele, enquanto as mulheres mais velhas estão limitadas ao cômico, ao chiste, a piada? Isso diz muito sobre a nossa sociedade, onde o domínio e o poder econômico provêm dos homens, sendo a maioria das coisas criadas por e para eles. Como mostra a UNESCO (2018), “apenas um em cada cinco filmes é dirigido por uma mulher e somente 16% do financiamento é destinado a filmes dirigidos por mulheres”. Dentre os filmes utilizados para exemplificar esse capítulo, cujo critério baseou-se na chocante diferença de idade e não em quem dirigia o filme, coincidentemente apenas um (Outono em NY) foi dirigido por uma mulher, os outros cinco possuem, assim, diretores homens.

5.3 Indústria musical e inversão de papéis

Da MPB ao Funk, as referências à cultura da pedofilia encontram-se presentes. Seja nas versões antigas, como *Panela Velha* do Sérgio Reis, que diz que uma mulher com mais de 30 já é bastante coroa, ou nas músicas e ritmos mais recentes, como por exemplo, no sertanejo universitário ou no piseiro, ritmo que tem se popularizado desde 2020.

Em 1987, uma composição de Zé ramalho e Otacílio Batista, popularizada na voz da cantora Amelinha, passa a nos dizer que “mulher nova bonita e carinhosa, faz o homem gemer sem sentir dor”. Nos anos 2000, a dupla Claudinho e Buchecha tomava conta das rádios com a música “Nosso Sonho”, que narra a história de um homem mais velho que se apaixona por uma menina de apenas 12 anos, e mesmo assumindo na própria letra que o que ele sentia era errado, “nossas emoções eram ilícitas”; “seus doze aninhos permitem somente um olhar”; ele repete várias vezes ao longo da canção a frase: “depois que o baile acabar vamos nos encontrar logo mais.” O que nos dá a ideia de que algo vai acontecer.

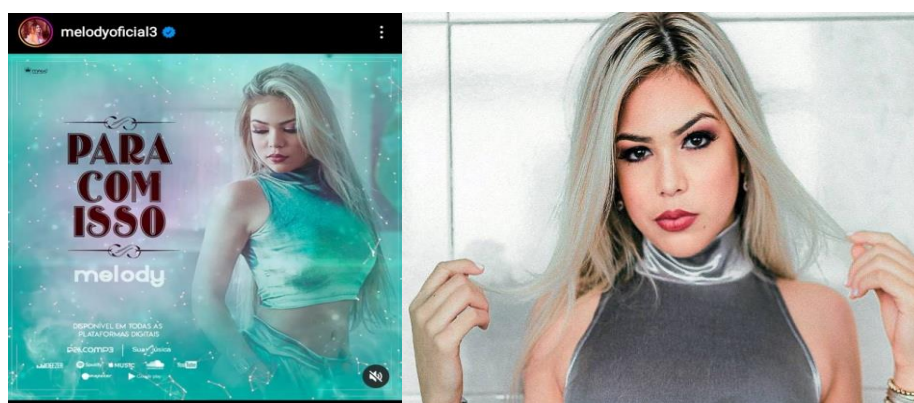
Em 2012, a dupla sertaneja Henrique e Juliano cantava: “vem novinha, delícia do papai, que as mina tudo pira no jeito que o papai faz, vem novinha que eu tô louco pra ver o que teu corpo gostoso é capaz de fazer”. E, nos dias atuais, não muito diferente, uma canção do final de 2021 tem o seguinte refrão: “tu sabe por que que tu me tem? É porque tu senta com carinho de neném.”. Essa canção, interpretada pelo cantor Japãozim, e amplamente difundida em redes sociais, como *Tik Tok* e *Instagram*, sendo utilizada, inclusive, por várias crianças na produção de vídeos, é só mais um dos tantos exemplos que temos dentro da indústria da música, onde as letras, que dispensam comentários por serem já bastante autoexplicativas, tratam a juventude da mulher como uma espécie de fetiche.

Mais além das letras problemáticas, que acompanham a sociedade desde muito tempo, temos também um padrão estético no mínimo confuso, onde meninas são “adultizadas” e mulheres “infantilizadas”. Importante deixar claro que esse padrão não é exclusivo da indústria musical, mas se fortalece aliado a letras e performances bastante sensuais.

Como exemplo dessa inversão de papéis, temos a cantora Melody, com quinze anos atualmente, porém desde os onze já bastante sexualizada. Tendo inclusive sua conta do Instagram banida por causa do conteúdo inapropriado para sua idade.

Nas fotos abaixo (Figura 13), onde posa com bastante maquiagem e cabelos tingidos, ela tinha apenas 12 anos.

Figura 13 - MC Melody.



Fonte: *Instagram*

Do outro lado, temos a cantora Juliana Caetano, de 28 anos, conhecida por ser vocalista da banda Bonde do Furró, que além de cantar músicas com conteúdo mais adulto, em suas redes sociais se apresenta como uma espécie de personagem inocente e

desentendida. Sempre caracterizada com tiaras e outros elementos infantis, e rodeada de pelúcias, como se apresenta na Figura 14, Juliana responde perguntas picantes e de duplo sentido dos internautas.

Figura 14 - Juliana Caetano.



Fonte: *Instagram*

Nas fotos podemos ver uma clara infantilização de sua imagem, com muitos elementos na cor rosa, laços, bonecas, pirulitos, inclusive, a frase em sua camiseta, “*baby girl*”, que, traduzindo para o português, seria bebezinha, demonstram uma infantilização mais do que premeditada. Além de sempre manter uma postura inocente e submissa, fazendo uso desta para gravar seus vídeos (onde a câmera é posicionada de cima para baixo, nunca reta, ou de baixo para cima), Juliana contrapõe a imagem angelical com *lingeries* minúsculas e extremamente *sexys*, criando assim uma imagem de menina mulher, bobinha, mas capaz de malícia. Uma espécie de efeito Lolita, que segue fazendo bastante sucesso.

Além dos dois exemplos acima, temos a cantora de Funk, MC Branquinha, cuja idade não foi possível precisar, mas o que chama atenção, na verdade, é a forma com que interpreta suas canções, cantando com uma voz extremamente fina e infantil, embora os conteúdos das letras sejam explicitamente sexuais. Além da sua entonação, um tanto quanto peculiar, algumas de suas canções foram feitas sob a melodia de cantigas de roda infantis, como por exemplo “Vou Atirar o Bundão”, que tem a melodia de “Atirei o Pau no Gato”, e “Vou Te Macetar” cuja parte da trilha é idêntica a “Ciranda Cirandinha”.

Na Figura 15, a seguir, alguns comentários em seus clipes do YouTube:

Figura 15 - Comentários no Youtube.

Fonte: Youtube.

O objetivo não é criticar o trabalho de nenhuma das artistas citadas, pois o que elas produzem, apesar de poder influenciar no comportamento de outras meninas e alimentar ainda mais essa espécie de fetiche pela juventude, é apenas a ponta do *iceberg*, tendo questões muito mais profundas por trás.

A questão é que mulheres e meninas parecem não ter a liberdade de viver suas fases, saem da infância mais cedo, porque uma sociedade machista decide que “já aguentam”, que seus corpos estão prontos para satisfazer os desejos sórdidos dos outros sobre eles. E, quando adultas, têm que esconder a todo custo as marcas do passar dos anos, pois corpos maduros parecem não agradar mais. Quando Alicen Grey traz para nós o termo ‘cultura da pedofilia’, e se refere a esta, como uma prática celebrada pela nossa sociedade. Ela fala justamente disto, que não importa pra onde olhemos, sempre vamos ver meninas, como a Melody, sexualizadas desde cedo, ao mesmo tempo que mulheres adultas utilizando-se de características infantis para se sentirem desejadas, e essas características não se limitam a laços e fitas, estamos falando de cirurgias plásticas, distúrbios alimentares, entre outras coisas.

5.4 Entre muitas outras coisas

A indústria cinematográfica e a música são apenas alguns dos elementos midiáticos que normalizam a cultura da pedofilia. E justamente por serem os mais antigos e acessíveis, acabam sendo também os mais influentes, já que a TV (onde são exibidos vários desses filmes) e o rádio são coisas que a maioria das pessoas tem contato, diferente

dos livros ou dos canais de *streaming* e da internet, que embora já sejam bastante populares, não faz muito tempo que deixaram de ser privilégio de poucos.

Porém, como exemplos, poderíamos citar muitos outros, plataformas onde meninas podem leiloar a própria virgindade, como o site gringo *Cinderella Escorts*⁷, aplicativos de relacionamento *sugar*, como o Meu Patrocínio⁸, que tem o objetivo de unir casais com enorme diferença de idade, de ambos os sexos, porém, mais uma vez, tendo uma predominância de mulheres jovens para homens mais velhos. A moda, que produz roupas extremamente adultas para crianças de 5, 6, 7 anos, como meias arrastão, vestidos colados e curtos, e até mesmo saltos.

E por fim, mas não menos importante, a indústria da beleza, que lucra milhões todos os anos em cima das inseguranças das mulheres. E os procedimentos são os mais diversos, clareamento das partes íntimas, depilação a laser, remoção de manchas na pele, aplicação de Botox, maquiagem, silicone, e até mesmo uma cirurgia que carrega em seu nome a identidade máxima da cultura da pedofilia: a ninfoplastia, conceituada pelo Hospital Anchieta⁹ como sendo “uma cirurgia estética, realizada na genitália feminina com o objetivo de diminuir o tamanho, corrigir assimetrias ou frouxidões, presente nos pequenos lábios.” Enfim, incontáveis elementos que trabalham contra as mulheres e a favor dessa cultura.

7 Disponível em: <<https://www.cinderella-escorts.com/>>. Acesso em 15/06/2022.

8 Disponível em: <<https://www.meupatrocinio.com>> Acesso em 15/06/2022.

Aplicativo criado para facilitar relações do tipo *sugar*, onde um dos parceiros, seja *dady* (papai) ou *mommy* (mamãe), seria o provedor financeiro da relação, responsável por mimar o *baby* (bebê), que, por sua vez, teria a função de suprir as necessidades afetivas do provedor.

9 Disponível em: <<https://www.hospitalanchieta.com.br/voce-ja-ouviu-falar-sobre-ninfoplastia/#:~:text=A%20ninfoplastia%20%C3%A9%20uma%20cirurgia,frouxid%C3%B5es%20presentes%20nos%20pequenos%20%C3%A1bios>>. Acesso em 15/06/2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as análises teóricas e metodológicas desenvolvidas ao longo desse trabalho, podemos perceber que a cultura da pedofilia é algo real e presente, que faz grandes estragos de forma sutil. Na busca incansável pela juventude eterna, muitas mulheres se submetem aos mais diversos tipos de procedimentos, invasivos, inseguros e que nem sempre trazem o resultado esperado, ocasionando muitas vezes a morte de muitas delas. O Brasil é hoje o país que mais realiza procedimentos estéticos no mundo, com um milhão de cirurgias plásticas por ano, segundo pesquisa realizada pela ISAPS (Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética) em 2019, e a procura por tais procedimentos é em sua maioria feita por pessoas do sexo feminino.

Todavia, o padrão estético é apenas mais um dos problemas dessa cultura, já que como vimos, é praticamente impossível separar um pedófilo de um homem qualquer, se tudo é tão parecido e permissivo. Como vamos julgar alguém como pedófilo, se o cara em questão só está indo atrás do que a TV, o rádio, a internet dizem que é bom e bonito? Porque ele teria que agir diferente, quando o pai da menina que ele abusou faz o mesmo com outras meninas? Se cresceu ouvindo seu vizinho falar sobre o corpo das mocinhas da rua, e o homem da novela trocou a mulher de 40 por uma menina de 17. Claro que nenhuma dessas coisas justifica o ato de estuprar alguém, nada justifica! Porém, ajudam a normalizar determinados tipos de relação, até o ponto em que a sociedade não veja mais problemas nisso. A mídia aparece então, como espelho dos valores patriarcais, performados no mundo real, desempenhando um papel estimulador e normalizador dessa cultura, e o potencial de influência da mídia, demonstra certa relevância em se fazer estudos acerca do tema.

É importante lembrar que a pedofilia não se configura como crime. O crime é o estupro de incapaz, que pode ser julgado como um ato de pedofilia, portanto nesse meio termo residem muitas coisas. Ver pornografia com atrizes que se assemelham a crianças não é crime, inclusive ver vídeos de crianças reais também não, já que o crime é portar ou produzir tais materiais. Homens mais velhos comentando obscenidades nas redes sociais de meninas de 12, 13 anos, de forma pública, é algo corriqueiro, e a prova de que ninguém vê grandes problemas nisso, é que eles nem se quer ocultam a identidade. Diante de tudo, pensemos em como seria ressocializar alguém preso pelo crime de pedofilia em meio a esta cultura!

Não teríamos como enfatizar a expressividade dos números, pois a cultura da pedofilia reside justamente nas coisas que não se tornam casos de polícia. Nos encontros entre adolescentes e homens adultos, em que elas acreditam estarem vivendo uma história de amor proibida, quando na verdade tem seus corpos usados e descartados com traumas e marcas depois. No moço da esquina que vende sorvete e quando vai entregar o troco passa a mão no seio da menina de oito anos, e é tão sutil que ela nem entende o porquê de se sentir tão estranha e incomodada ao sair de lá. No padeiro que sempre faz comentários sobre o quanto o corpo dela está mudando e no avô da melhor amiga que só de brincadeira tenta levantar sua saia. Se estupro é o crime contra a liberdade sexual de alguém, quase 100% das mulheres já foram estupradas!

É preciso parar de ver meninas como ninfetas, como seres feitos para o prazer alheio e de colocar mulheres sob o palanque do endeusamento. Corpos perfeitos, que não podem envelhecer. Até quando vamos tratar a pedofilia como um tabu, ensinar as crianças a se protegerem e continuarmos a dizer que uma mulher com mais de trinta já é bastante velha ou que uma criança de nove anos “vai dar muito trabalho aos pais”? O real perigo mora nas coisas sutis, e é preciso que haja uma discussão aberta sobre o tema, não apenas no meio acadêmico e educacional, mas que se estenda as demais esferas da sociedade. Mulheres e meninas precisam urgentemente recuperar o controle sobre seus corpos e suas fases, brincarem e envelhecerem em paz. E enquanto não olharmos em volta com olhos mais atentos e tratarmos essa violência simbólica como algo estrutural, isso não vai acontecer, pois do mesmo modo que um câncer é no silêncio e na penumbra que se desenvolvem certas coisas que matam.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AC. Gil, “**Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.**” 6. Ed., 3 reimpr., São Paulo: Atlas, 2010.

ANCHIETA, hospital. **Ninfoplastia: cirurgia íntima é a mais procurada pelas brasileiras.** Janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.hospitalanchieta.com.br/voce-ja-ouviu-falar-sobre-ninfoplastia/#:~:text=A%20ninfoplastia%20%C3%A9%20uma%20cirurgia,frouxid%C3%B5es%20presentes%20nos%20pequenos%20%C3%A1bios>>. Acesso em 15/06/2022.

BEZERRA, N. (2010), “**Mulher e Universidade: A Longa e Difícil Luta Contra a Invisibilidade.**” Anais Conferência Internacional sobre os Sete Saberes. Fortaleza. Disponível em: <<HTTP://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BOAL, A. **A Estética do Oprimido: reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Difel, 1989. *E-book*.

_____. **Dominação Masculina.** Tradução: Maria Helena Kuhner. 11.ed. Bertrand Brasil, 2012. *E-book*.

BOTLER, A. H. (2010). **Cultura e Relação de Poder na Escola.** Educação & Realidade, 35(2). Recuperado de: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8708>>

BRAZILIENSE, correio. **Maioria dos feminicídios acontece dentro de casa.** Março de 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910192-maioria-dos-femicidios-acontece-dentro-de-casa-aponta-ibge.html>> Acesso em: 28 de maio de 2022.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069\90. São Paulo, Atlas, 1991.

CANALTECH, **Brasil continua como um dos 20 países do mundo que mais acessam o Pornhub.** Dezembro de 2018. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/internet/brasil-continua-como-um-dos-20-paises-do-mundo-que-mais-acessam-o-pornhub-128985/>>. Acesso em: 07 de junho de 2022.

CINDERELLA ESCORTS. Disponível em: <<https://www.cinderella-escorts.com/>>. Acesso em 15/06/2022.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. Priberam Informática, 2022. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/patriarcado>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. Priberam Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pornografia>>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

ESCOSTEGUY, A.C. **Uma introdução aos Estudos Culturais**. FAMECOS- Mídia, cultura e tecnologia, 9, 1998. O que é, afinal, Estudos Culturais? 2 edição. Autentica. Belo Horizonte, 2000.

FEDERICI, S. 2017. **Calibã e a bruxa: mulheres corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FELIPE, J. **Afinal, quem é mesmo pédofilo?** Cadernos Pagu (26), Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu/Unicamp, 2006, pp.201-223.

FLICK, U. **“Introdução à pesquisa qualitativa”**. Trad. Joice Elias Costa. 3. Ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERTZ, C. 1926. **A interpretação das culturas**. 1.ed. 13 reimpe- Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREY, Alicen. **You’ve heard of rape culture, but have you heard of pedophile culture? Feminist Current**, 2015. Disponível em: <<https://www.feministcurrent.com/2015/09/28/youve-heard-of-rape-culture-but-have-you-heard-of-pedophile-culture/>>. Acesso em: 23 de junho de 2022.

GLOBO, g1. **Mulheres ganham em média 20,5% menos que os homens**. Março de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-ganham-em-media-205percent-menos-que-homens-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 28 de maio de 2022.

ISAPS. **Mais recente estudo internacional demonstra crescimento mundial em cirurgia estética**. 2017. Disponível em: <<https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2019/11/2018-Global-Survey-Press-Release-br.pdf>> Acesso em: 02 jul 2022.

JANJA BLOC BORIS, G. D; DE HOLANDA CESÍDIO, M. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade, vol. 7, num. 2, setembro, 2007, PP. 451-478. Universidade de Fortaleza. Fortaleza, Brasil.

KRIPKA, R; SCHELLER, M; BONOTTO, D. L. **Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa**. In: Atas CIAIQ2015, v.2. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/issue/view/4>. Acesso em: 12 jul.2022.

LANDINI, T. S. **Pédofilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, p. 273-282, 2003. Suplemento 2.

LOVELACE, A. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. IN: A queima II. Tradução de Izabel Aleixo. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

M.A Marconi e E. M. Lakatos, “**Fundamentos da Metodologia Científica**”, 6.ed., São Paulo: Atlas, 2007.

MEU PATROCÍNIO. Disponível em: <<https://www.meupatrocinio.com>>. Acesso em 15/06/2022.

MORAES, V. 1913-1980. **Receita de poesia**. IN: Receita de mulher. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Coleção literatura em minha casa; v.1. Poesia).

MOREIRA, J.O. (agosto, 2010). **Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade**. Revista Psicologia y Medios de Comunicación, 20(8).

NABOKOV, V. **Lolita**. Tradução de Jorio Dauster. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

NOVELLI, A. C. P. **Mulheres jovens para homens maduros: a cultura da pedofilia na internet a partir de uma análise do relacionamento sugar**. 2020. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OVELHA. **Sobre a cultura da pedofilia**. 04 de out de 2016. Disponível em: <<http://ovelhamag.com/sobre-a-cultura-da-pedofilia/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

SABATER, V. **Cortéx pré-frontal: uma das áreas mais interessantes do cérebro**. 15 de Novembro de 2021. Disponível em: <<https://amentemaravilhosa.com.br/cortex-prefrontal/>>. Acesso em: 01 de abril de 2022.

SANTOS, J.L **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110).

SILVA, E. F. G. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. Faculdade do Vale do Ipojuca- FAVIP.

TERUYA, T.K. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In. MACIEL, L.S.B; MORI, N.N.R. (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009.p. 151-165.

UNESCO. 2018^a. **Re|Shaping Cultural Policies**. 2018 Global Reports. Paris, UNESCO. Disponível em: <<https://em.unesco.org/creativity/global-report-2018>>. Acesso em: 21 de junho de 2022.

VILELA, P. R. **Mais de 70% da violência sexual contra crianças ocorre dentro de casa**. Agência Brasil, Brasília, 18 de maio de 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-05/mais-de-70-da->

violencia-sexual-contra-criancas-ocorre-dentro-de>. Acesso em: 26 de novembro de 2021.

VIP, Adulto. **10 termos pornográficos mais buscados da internet**. Dezembro de 2021. Disponível em < <https://adulto.vip/termospornograficos-maisbuscados/>>. Acesso em: 30 de março de 2022.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetificação. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.